

ra conviver com este tipo de manifestações e a forma correta de reagir é como Passos Coelho no Parlamento e Paulo Macedo esta semana: serenidade e bom senso”, diz um ministro. O tema não foi referido no Conselho de Ministros desta semana, mas foi muito comentado nos corredores governamentais. Em particular o caso de Miguel Relvas. “Uma coisa é o problema Grândola, outra coisa é o problema Relvas. Quando os dois se juntam o resultado é imprevisível”, diz um governante do CDS, perplexo por o ministro se ter juntado ao cântico dos manifestantes que lhe interromperam a palavra.

Portas doente

Não há indicações para que os membros do Governo alterem a sua agenda, mas ministros ouvidos pelo Expresso admitem que “naturalmente” será necessária “cautela acrescida” na escolha das iniciativas públicas e na sua preparação. Quinta-feira à noite, foi isso que aconteceu com Vítor Gaspar. O ministro das Finanças tinha uma manifestação à espera no hotel de Lisboa onde foi falar a militantes do PSD, mas trocou-lhe as as voltas: chegou uma hora mais cedo. E o partido limitou as entradas a militantes e convidados. Gaspar só ouviu o ‘Grândola’ ao longe. Paulo Portas foi o único membro do Governo a cancelar a agenda esta semana. O ministro dos Negócios Estrangeiros também era convidado da conferência da TVI (os cartazes a convocar manifestantes no Facebook para o ISCTE tinham as fotos de Portas e Relvas com duas frases: “Vai estudar Relvas” e “Não te escondas Portas”), mas o MNE cancelou a presença por motivos de doença.

Quando Relvas defendia os manifestantes

No Parlamento, as desventuras de Relvas motivaram um debate quente, lançado pelo PSD. Luís Montenegro deplorou as “atitudes antidemocráticas, despóticas e visceralmente intolerantes” dos manifestantes, exigindo que todos os outros partidos as condenassem. Só o CDS o fez, embora sem dar ao caso adjetivação carregada. A solidariedade dos centristas é, dizem, sobretudo uma questão de coerência, pois já no tempo de Sócrates o CDS criticou os manifestantes que num dado período se concentravam em todas as iniciativas do PM e membros do Governo. Aliás, há quem não esqueça que, nessa altura, era Relvas quem saía em defesa dos protestantes. Em março de 2008. Augusto Santos Silva teve uma “espera” de professores da FENPROF e insurgiu-se, acusando os manifestantes de tentarem intimidar o Governo com comportamentos “antidemocráticos” (argumento parecido com o que o PSD usa agora). Relvas não perdoou: disse estar “chocado” com as declarações de Santos Silva, a quem acusou de “comportamento de guerrilha e hostilidade”.
avsilva@expresso.impresa.pt

Quem são os autores das grandoladas?

Começou no Parlamento e tornou-se viral. E desta vez a internet nada tem que ver com o caso a não ser na utilização das redes sociais

Não é um movimento, é um coro de movimentos que anda a cantar ‘Grândola Vila Morena’ aos ministros deste Governo. O maestro é o movimento ‘Que se lixe a troika’, a batuta está na mão dos 120 ativistas, das mais diversas áreas, com e sem emprego, que formam esta estrutura desligada de partidos e sindicatos e sem hierarquias. Mas foi como que respeitando as hierarquias que iniciaram a ‘grandolada’ no passado dia 15. O primeiro a ter de se calar para ouvir a canção de Zeca Afonso foi o chefe do Governo. Uma hora depois do arranque do debate quinzenal na Assembleia da República, Passos Coelho foi interrompido pelo cantar de uma vintena de pessoas, da qual se distinguiram as vozes do músico Carlos Mendes, de 65 anos, do jornalista Nuno Ramos de Almeida, de 49, da fundadora do Movimento M12M, Paula Gil, de 28, da professora Isabel Louçã, de 48, irmã do ex-líder do Bloco de Esquerda, e do dirigente do MRPP, Garcia Pereira, de 60. Os quatro primeiros são alguns dos autores do manifesto “Que se lixe a troika, o povo é quem mais ordena!” que convoca para o próximo sábado o protesto pelo fim das medidas de austeridade e pela queda do Governo. Outros dos 120 que “não aguentam mais o roubo e a agressão” e “resistem porque acreditam na construção de uma sociedade mais justa” são os rappers Chullage, de 36 anos, e Jakilson Pereira, de 28, conhecido por ‘Hezbollah’, a atriz São José Lapa, de 61, e o jornalista e guionista António Costa Santos, de 55. Explica Inês Subtil — subscritora do manifesto e porta-voz do grupo, que usa o sistema rotativo — que o movimento ‘Que se lixe a troika’ agrega pessoas oriundas de grupos organizados bem como cidadãos em nome individual. E que, após terem organizado a manifestação de 15 de setembro, sentiram necessidade de alargar a base de apoio. Nessa data, quando o movimento usava como segunda frase “Devolvam-nos as nossas vidas”, o núcleo-base tinha 29 pessoas. Precisamente seis meses depois, no Parlamento, Passos, como todos os que o rodeavam, ficou surpreendido mas não se saiu mal, dizendo, depois de os ativistas terem sido ‘convidados’ a abandonar as galerias, que “de todas as formas que uma sessão

pode ser interrompida esta parece-me, significativamente, a de mais bom gosto”. Para o movimento, que fazia uma ação de promoção à manifestação 2M, que apanhará em Lisboa os membros da troika a examinarem pela sétima vez as contas do país, também houve alguma surpresa: “Não estávamos à espera de tamanho impacto da ação no Parlamento.” Três dias depois, foi a vez do braço-direito do primeiro-ministro, Miguel Relvas. No Clube dos Pensadores do Porto, o ministro-adjunto falou cinco minutos até lhe cortarem o discurso, ainda trauteou, mal, a ‘Grândola’, mas, no dia seguinte, viu-se obrigado a abandonar o ISCTE, sem ter conseguido articular um som. E nessa ocasião escapou o líder do CDS e ministro Paulo Portas porque se sentia adoentado e faltou à conferência organizada pela TVI. Na quarta-feira, coube a ‘grandolada’ a Paulo Macedo quando se deslocou à Universidade do Porto. Todavia, este pôs a sua cara de ministro e aguentou. No dia seguinte, Vítor Gaspar não ouviu a ‘Grândola’ cantada à porta do hotel onde decorria a reunião do PSD. Mas a comunicação social voltou a noticiar o coro de protestos. “As intervenções e reações dos membros do Governo têm-nos ajudado bastante na mobilização para o próximo sábado o protesto

NÚMEROS DO PROTESTO

■ Em setembro do ano passado o núcleo-base do movimento ‘Que se lixe a troika’ era formado por 29 pessoas, Agora já são 120

■ É através do Facebook e do Twitter que os movimentos apelam à participação nos protestos. Os Indignados de Lisboa, por exemplo, produzem cartazes que publicam nestas redes sociais com a data, hora e local em que é possível cantar a ‘Grândola’ aos ministros. O que anunciava a presença de Paulo Portas e Miguel Relvas no ISCTE foi partilhado mais de 400 vezes no Facebook

■ O apelo à participação na manifestação de 2 de março será feito recorrendo também a formas bem mais tradicionais de comunicação. Em Lisboa, vão ser colados cinco mil cartazes, distribuídos 40 mil folhetos e, amanhã os ativistas pintarão um mural de 20m² na rua Marquês da Fronteira, junto às Amoreiras.

ção para o 2 de março”, afirma Inês Subtil. Importando uma ideia vinda de Espanha, a manifestação 2M vai caminhar ao sabor de marés — a da saúde, a da educação e a grisalha. São microgrupos, já ativos nas ‘grandoladas’, organizados por profissionais dos sectores, com o apoio dos sindicatos. No caso dos cabelos brancos, a palavra é da APRE!, a nova associação de aposentados, pensionistas e reformados.

Uma nova onda

É uma nova onda de contestação que atinge Portugal, sobretudo através das redes sociais, onde são feitos convocatórias e apelos à mobilização pacífica e não discriminatória. Na sua formação está o protesto da ‘geração à rasca’, de 12 de março de 2011. O coro da ‘Grândola’, por exemplo, integra membros de vários grupos e “começou como uma coisa organizada, mas depois tornou-se uma onda muito criativa”. A análise é da socióloga alemã Britta Baumgarten, que estuda os movimentos sociais portugueses e considera terem estes maior proximidade com os partidos políticos do que em Espanha. “Cada movimento continua a ter as suas convicções mas convergem sempre que faz sentido”, explica Inês Subil, de 28 anos, que também integra uma assembleia popular de bairro e os Indignados Lisboa (IL) que se assumem como um grupo. Os grupos do ‘Que se lixe’ nem sempre estão orquestrados. É como diz Subtil, “amigo não empata amigo”, mas um facto é que todos convocam para a mesma hora e local. O grupo IL, por exemplo, que nasceu do acampamento na praça do Rossio em 2011, apresenta o seu próprio manifesto por não defender apenas o derrube do Governo, antes uma alteração mais profunda do sistema democrático. Os Indignados não gostam da palavra convocar para as ‘grandoladas’, “apenas informaram o local e hora onde iriam estar os mencionados ministros; as pessoas a partir dessas imagens é que dinamizam e resolvem fazer o que bem entendem. Nós criamos um espaço de uma demonstração, de ação de chamamento para uma situação”, respondem por mail. “A ‘Grândola’ dá força às pessoas para intervirem de uma forma não violenta mas ativa. Espero que o repertório se alargue”, diz Inês Subtil. ANABELA NATÁRIO, ALEXANDRE COSTA e CARLOS ABREU anatario@expresso.impresa.pt

■ A saída do ministro Miguel Relvas, a tentar fugir dos manifestantes e em ziguezagues pelos corredores do ISCTE, revela ou não falhas de segurança? ■ Por vezes a tarefa do corpo de segurança pessoal é condicionada por certos locais que não têm zonas preparadas para situações deste género, contrariamente a outros países. Para quem está de fora pode parecer que as coisas correram menos bem, a verdade é que o objetivo foi cumprido. Não houve aproximação dos manifestantes ao ministro e os agentes conseguiram encontrar uma solução rápida.

■ O número de efetivos da segurança pessoal dos ministros tem

Paulo Rodrigues
Presidente da ASPP/PSP

“Vai haver mais agressividade”

HUGO FRANCO

É o presidente de um dos mais importantes sindicatos da polícia, a ASPP/PSP. Paulo Rodrigues, 39 anos, natural de Bragança, não acredita que um dia vejamos um ministro a ser agredido por manifestantes. Mas adverte que a marcação cerrada a membros do Governo vai continuar. E quem leva por tabela são os agentes da segurança pessoal.

■ Com esta tensão social crescente sobre membros do Governo tem havido maior pressão sobre as forças de segurança que os protegem? ■ Esta crispação acaba sempre por trazer mais complexidade ao trabalho da polícia, mas não é nada a que não consigamos dar resposta. Mas torna muito mais exigente e arriscado o trabalho da polícia.

■ Tem havido desabafos e queixas dos agentes em relação a este aumento da agressividade por parte dos manifestantes? ■ Muitos manifestantes não percebem a dificuldade e o papel daqueles que têm por missão proteger uma entidade governamental. São esses elementos que acabam por levar mais com a revolta dos manifestantes do que a entidade visada pelos protestantes. E acabam por levar por tabela. É uma missão ingrata.

■ Os ministros têm razões para temer cada vez mais os manifestantes? ■ Quem tem mais a temer são os próprios polícias. Os ministros sabem que os profissionais que os estão a proteger estão altamente preparados para que nada lhes aconteça. É mais do que óbvio de que vai haver mais contestação, mais agressividade e temos de estar preparados e antever cenários que podem comprometer o nosso trabalho.

■ Os ministros precisarão de mais elementos no seu corpo de segurança pessoal? ■ A qualidade ou o rigor com que se faz proteção pessoal muitas vezes não tem a ver com o número de efetivos mas com o adequar do dispositivo à realidade da situação. Um aumento de polícias pode até tornar mais difícil a coordenação.

■ A saída do ministro Miguel Relvas, a tentar fugir dos manifestantes e em ziguezagues pelos corredores do ISCTE, revela ou não falhas de segurança? ■ É possível. Os polícias têm menos direitos do que os outros cidadãos porque são polícias. Mas, na hora da sua folga e desde que não comprometam o seu serviço de polícia, podem manifestar-se contra as políticas do Governo. E se calhar têm mais do que razões para isso. Mas sabem distinguir o que é lutar pelos seus direitos e manifestar a sua revolta do que é o seu trabalho...

■ Os ministros agradecem aos agentes da sua segurança pessoal? ■ É frequente vermos ministros e até secretários de Estado a agradecer a forma profissional como os elementos fizeram o seu trabalho.

hfranco@expresso.impresa.pt



FOTO ANTONIO PEDRO FERREIRA

■ Há fontes ligadas à segurança interna a aconselhar ministros a mudar agenda. Mas o ministro da Saúde já disse que não o faria. Qual é a melhor solução? ■ Os ministros não podem simplesmente optar por desvalorizar a contestação e a revolta que está acontecer e que não existia há uns anos. Mas também não me parece que por causa disso tenham de mudar a agenda. A polícia conseguirá e saberá dar resposta às necessidades de segurança e criar condições para que os ministros mantenham a agenda e não fiquem em situação de insegurança.

■ Acha que vamos ver um dia um ministro a ser agredido? ■ Diria que é quase impossível, tendo em conta a segurança eficaz que o corpo de segurança pessoal consegue fazer.

■ Haverá polícias que acham que deviam estar do lado dos manifestantes? ■ É possível. Os polícias têm menos direitos do que os outros cidadãos porque são polícias. Mas, na hora da sua folga e desde que não comprometam o seu serviço de polícia, podem manifestar-se contra as políticas do Governo. E se calhar têm mais do que razões para isso. Mas sabem distinguir o que é lutar pelos seus direitos e manifestar a sua revolta do que é o seu trabalho...

■ Os ministros agradecem aos agentes da sua segurança pessoal? ■ É frequente vermos ministros e até secretários de Estado a agradecer a forma profissional como os elementos fizeram o seu trabalho.



FOTO JOSÉ COELHO/LUSA



FOTO ALBERTO FRIAS